

Concepção e formação de professores: um ensaio sobre a educação ambiental e suas diversas práticas no ensino superior

CARLOS ALEXANDRE DE BORTOLO*

ANDREA JAKUBASZKO**

Resumo: Diante dos diversos problemas ambientais provocados por atividades humanas, tem se tornado fundamental e necessário que as questões relacionadas ao meio ambiente tenham maior relevância e abordagem dentro do meio da Educação formal, mais ainda, também no processo de formação no ensino superior. Outro ponto que também instigou a pesquisa acerca do tema deste estudo foram os novos desafios que os professores enfrentam e tem contato dentro de seu campo de trabalho, a escola; e estão necessitando sentir-se preparados para atuar de acordo com eles, e assim as questões ambientais se fazem presentes e cada vez ganham maior espaço e importância dentro da escola e seus ambientes de formação. Desta forma, a problemática deste trabalho foi definida acerca da relevância da disciplina de Educação Ambiental na formação do professor nos cursos de Geografia e Pedagogia. Também contamos com outros elementos, que foram definidos com base em um levantamento bibliográfico conceitual e suas finalidades da Educação Ambiental e como se tem trabalhado na formação do professor tal temática.

Palavras-chave: Formação; Professores; Educação Ambiental; Ensino superior.

Teacher conception and training: an essay on environmental education and its various practices in higher education

Abstract: In the face of the various environmental problems caused by human activities, it has become fundamental and necessary that issues related to the environment have a greater relevance and approach within the context of formal education, and even more so in the process of training in higher education. Another point that also instigated research on the theme of this study was the new challenges that teachers face and have contact within their field of work, the school; and they need to feel prepared to act in accordance with them, and thus environmental issues become present and increasingly gain greater space and importance within the school and its training environments. In this way, the problem of this work was defined about the relevance of the Environmental Education discipline in the training of the teacher in the courses of Geography and Pedagogy. We also have other elements, which were defined based on a conceptual bibliographical survey and its purposes of Environmental Education and how we have worked on teacher training such a theme.

Key words: Training; Teachers; Environmental Education; Higher Education.

* **CARLOS ALEXANDRE DE BORTOLO** é Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá; Pró Reitor adjunto de Pós graduação da Universidade Estadual de Montes Claros, professor do Departamento de Geociências e professor permanente do Programa de Pós graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

** **ANDREA JAKUBASZKO** é mestre em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC/SP; professora do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes; Pró Reitora adjunta de Ensino da Universidade Estadual de Montes Claros.

Introdução

Frente aos diversos problemas ambientais provocados por atividades humanas, tem se tornado indispensável que as questões relacionadas ao meio ambiente tenham maior abordagem dentro do meio da Educação formal, isto já na Educação infantil e nas séries iniciais do Ensino fundamental, e essa abordagem é feita por meio dos educadores que atuam nestes níveis da Educação básica. Portanto, para que esse primeiro contato do educando com as questões ambientais possa dar início a um processo contínuo de valorização da consciência, é necessário que o profissional que está em contato com estes alunos e inserido em sua realidade social exerça o seu papel de incentivador da participação, valorizando e instigando novas habilidades em seus alunos (PENTEADO, 2007).

Nosso interesse em realizar tal estudo no campo da Educação Ambiental iniciou-se durante o desenvolvimento da disciplina de Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Geografia e Pedagogia, quando vários estudantes tiveram seu primeiro contato com estes conteúdos, por meio dessa disciplina¹. A mesma era voltada para a análise das práticas ambientais junto as práticas educacionais, e a visualização da forma como poderíamos nos tornar professores ativos, propiciando novas formas de conduta e valorização da formação de cidadãos críticos e preocupados com um equilíbrio entre o ambiente e seu meio social.

Outro ponto que também instigou a pesquisa acerca do tema deste estudo foram os novos desafios que os

professores enfrentam e tem contato dentro de seu campo de trabalho, a escola; e necessitam sentir-se preparados para atuar de acordo com eles, e assim as questões ambientais se fazem presentes e cada vez ganham maior espaço e importância dentro da escola e dos ambientes de formação dos professores.

Com estes e outros aspectos das questões ambientais dentro dos processos de ensino e aprendizagem que ocorrem no interior dos ambientes de ensino, este estudo se mostrou relevante para professores já formados e atuantes, e principalmente para professores que estão em processo de formação, de maneira que o estudo trouxesse enfoque à diversos conteúdos da Educação Ambiental, como seus objetivos e finalidades; a relação da escola com o meio ambiente; o papel do professor, e de que forma isso contribui para a formação desses futuros professores durante o curso de Licenciatura em Geografia e Pedagogia, para que eles percebam o meio ambiente como um fértil campo de reflexões e práticas e também utilizando métodos que abordem os conteúdos ambientais de forma interdisciplinar, auxiliando assim sua prática educativa.

Desta maneira, o ensaio se estrutura da seguinte forma: Introdução, parte da pesquisa onde é exposto o desenvolvimento desta. “Educação Ambiental e Suas Características”, onde são dispostas ideias de diversos autores sobre o que é a Educação Ambiental. Logo em seguida, temos a “Formação de professores e a temática ambiental” “Educação Ambiental e a Formação de Professores”, é o espaço da pesquisa onde se destacam os métodos da formação de professores no curso de Geografia e Pedagogia nos dias atuais, e se essa formação vai de encontro às

¹ Tal disciplina foi ministrada na Faculdade Norte Paranaense (Uninorte), na cidade de Londrina (PR), para os cursos de Licenciatura em Geografia e Pedagogia.

necessidades do profissional frente aos conteúdos e práticas da Educação Ambiental. E na última parte, são destacadas na “guisa de conclusões” sobre todo o tema desenvolvido.

2. A educação ambiental e suas discussões

Os problemas ambientais que enfrentamos atualmente em nossa sociedade estão sendo progressivamente agravados pelos efeitos da própria forma como a sociedade se encontra organizada. Além da falta de consenso sobre os efeitos da tecnologia, do consumismo, do controle da natureza, entre outros que se encontram em meio aos debates acerca deste tema. Se a única possibilidade é pensar a natureza em meio dos esquemas sociais, todos os cidadãos são convidados a atuar e participar da construção de uma harmonia entre esses dois conjuntos, homem e natureza, e assim pensar por meio dos passos da Educação Ambiental (COSTA; RUSCHEINSKY, 2002).

Mas o que é Educação Ambiental? Como se pratica? De que forma posso atuar conforme estes conteúdos? Estas são questões que muitas vezes são levantadas, e tendo como dificuldade principal, a falta de conhecimento sobre tais assuntos, ou até mesmo a falta de esclarecimento sobre eles.

Conforme aponta Dias (2004, p. 523):

Educação Ambiental é um processo no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros.

Assim, notamos que para o autor citado, a Educação Ambiental é entendida como um processo que move os indivíduos a

enxergarem a atuarem de forma inovadora frente às problemáticas ambientais, modificando sua forma de viver e agir em seu meio ambiente, além de adquirirem novas experiências para compartilhar e buscar mudanças para o futuro.

Tristão, (2002, p. 169) assim pontua:

A Educação Ambiental é entendida, de modo geral, como uma prática transformadora, comprometida com a formação de cidadãos críticos e co-responsáveis por um desenvolvimento que respeite as mais diferentes formas de vida.

Na visão da autora, a Educação Ambiental se relaciona a uma prática transformadora, que objetive a formação de pensamentos críticos e cidadãos que se desenvolvam respeitando a diversidade de formas de vida e o seu espaço de contato com estes elementos.

Já para Gadotti (2000, p. 240):

A Educação Ambiental, também chamada de ecoeducação, vai muito além do conservacionismo, trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e pelo ambiente doméstico.

Para Gadotti (2000), a Educação Ambiental se relaciona a uma diferente forma de educação, a ecoeducação, que se estabelece por uma relação de equilíbrio entre as pessoas que estão a nossa volta e com os ambientes onde temos um contato mais próximo e cotidiano, como a trabalho, casa, etc. Notamos que ele parte para uma concepção diferenciada, que não interpreta a Educação Ambiental somente como relação com a natureza e seus elementos, mais uma relação que parta inicialmente de nossa vida atual, nos espaços onde passamos muito

tempo de nossa vida e com as pessoas que nos acompanham nestas rotinas em interação com o ambiente cotidiano que nos circunda.

De maneira geral, notamos que a Educação Ambiental é de certa forma uma educação do cuidado para com as problemáticas ambientais, tanto as que já temos contato hoje em dia, quanto as que são esperadas para o futuro. E no meio de tudo isso se encontra a escola, um mecanismo social de grande impacto e atuação sobre os jovens, adultos e crianças, com o fundamental papel de instigar em seus alunos estas tais aptidões descritas.

Marcatto (2002, p. 12) afirma que:

A Educação Ambiental é uma das ferramentas existentes para a sensibilização e capacitação da população em geral sobre os problemas ambientais. Com ela, buscase desenvolver técnicas e métodos que facilitem o processo de tomada de consciência sobre a gravidade dos problemas ambientais e a necessidade urgente de nos debruçarmos seriamente sobre eles. Como um processo de formação dinâmico, permanente e participativo, no qual as pessoas envolvidas passem a ser agentes transformadores, participando ativamente da busca de alternativas para a redução de impactos ambientais e para o controle social do uso dos recursos naturais.

Notamos que o autor percebe a Educação Ambiental como uma motivação para a população entrar em contato com os problemas causados pelo nosso modo de vida atual, e partirmos para busca de soluções para esses problemas.

O autor ainda considera que a Educação Ambiental também se divide em duas categorias básicas; Educação Formal: Envolvendo estudantes em geral, desde

a Educação básica até a superior, além de professores e demais profissionais envolvidos em cursos de treinamento em Educação Ambiental. E a Educação Informal: onde envolvem-se todos os segmentos da população, como por exemplo: grupos de reuniões, jovens, trabalhadores, políticos, empresários, associações de moradores, profissionais liberais, dentre tantos outros grupos que existem em nossa sociedade (MARCATTO, 2002).

Como destaca Ruscheinsky (2002, p. 64):

Considerando que o campo da educação ambiental ainda está buscando as bases epistemológicas para a sua constituição mais sólida entre as interpretações científicas, as investigações e as áreas tidas como tradicionais dos cientistas da educação parecem desconhecer a emergência de uma nova perspectiva denominada educação ambiental, cuja óptica inovadora refere-se à apreensão do objeto da investigação e à interação com os atores sociais que propõem uma nova maneira de integração ambiental.

A Educação Ambiental busca espaço entre as ciências e entre o olhar desconhecido para as necessidades dispostas pelo meio ambiente, um olhar de quem fecha os olhos para a realidade. Também necessita de indivíduos que desejam propor uma maneira diferenciada para abrir este espaço, sob um olhar inovador.

E ainda segundo Ruscheinsky (2002, p. 61):

A Educação ambiental ainda se encontra em busca de seus pressupostos, de seus fundamentos e de suas proposituras a fim de sulcar o seu leito na história.

O autor garante que a Educação Ambiental ainda está em processo de busca por garantias efetivas, e na área da educação ela ainda busca espaço entre as disciplinas específicas do currículo. Muitas vezes é um tema esquecido e deixado de lado pela falta de conhecimento e pesquisa, além da falta de formação para os professores e do próprio modelo disciplinar em que o currículo ocorre, assim, a Educação Ambiental tem que lutar para ultrapassar a barreira do desconhecimento e interagir com estes espaços.

A formação de professores e a temática ambiental

Os conteúdos voltados para análise dos problemas ambientais têm sido cada vez mais abordados e discutidos dentro do contexto escolar em nosso país. Inicialmente, pela questão de que as agressões que o homem pratica no ambiente tem tido cada vez mais espaço na mídia nacional, sendo condenadas e polemizadas. Além das novas e escassas iniciativas por parte do poder público que vem com o intuito de preparar e atender a essas necessidades tão urgentes (GIESTA, 2002).

Também se nota uma grande quantidade de textos propagando mensagens de atenção ao meio ambiente, estes estão presentes em reportagens, propagandas, embalagens de produtos industrializados e tantos outros. Eles se propagam pelos meios de comunicação onde a maioria da população tem acesso, e que em sua maioria, são os únicos por onde eles se informam; como em programas de televisão, jornais e revistas de grande circulação (GIESTA, 2002).

Conforme Cunha e Tavares Júnior (2010, p. 43):

Desde a constituição de 1988, quando a preservação do meio ambiente passou a ser oficialmente

um dever do Estado, a Educação Ambiental (EA) começou a ocupar um espaço cada vez maior na política educacional brasileira.

Foi a partir da abordagem ambiental feita pela nossa lei maior, a Constituição Federal, que a Educação Ambiental passou a ser vista como dever do Estado, e parte integrante dos conteúdos escolares nacionais, e então começaram a surgir projetos para sua implantação nestes espaços.

Nesta perspectiva, a escola é seguramente um dos locais sociais onde a Educação Ambiental pode e deve ser tratada de forma clara e diferenciada por parte de seus profissionais. Trata-se de uma tarefa que deve ser cultivada desde os primeiros anos da experiência escolar, de forma séria e organizada, dando forma a algo maior que um hábito desses alunos, mais uma opção de vida e de conduta (PENTEADO, 2007).

De acordo com Novicki (2010, p. 21):

A formação inicial e continuada de professores é fundamental para que a temática ambiental seja abordada em todos os níveis e modalidades de ensino. Entretanto, frente ao desafio colocado pela questão socioambiental, o professor é fragmentado em sua práxis (reflexão-ação), pois não participa no processo de formulação das políticas educacionais, cabendo-lhe a execução do que foi decidido.

Para o autor a formação de professores é fundamental dentro das temáticas ambientais e cabe a estes profissionais tratarem do processo de aprendizagem destes conteúdos, mas o problema se fixa na distância existente entre o currículo, as práticas e as maneiras como são formuladas as leis que regem a educação, que em sua maioria não leva em conta a opinião e nem o papel do professor.

Mas, para que tudo isso seja possível, requer que este saber esteja ao alcance e à disposição dos professores, em seu processo de formação e que esse profissional passe por uma formação que enfatize e realmente dê a importância correta ao ensino da Educação Ambiental em seu curso de formação de profissionais da educação (PENTEADO, 2007).

Loureiro (2010, p. 119) se posiciona em relação à estrutura dos cursos de formação de professores e sua função social remetente na área da educação:

Não se pode pensar, por exemplo, em formação de professores apenas por meio de horas de curso dadas e metodologias lúdicas e participativas utilizadas. A concretização da educação no sistema educacional depende de aspectos cognitivos e de sensibilização individual, mas também de uma capacidade concreta de intervenção naquilo que é estruturante da educação. Assim, não cabe fomentar a formação de professores sem pensar em organização curricular, gestão escolar, carga horária docente em sala de aula e para estudos e planejamento integrado, projeto político-pedagógico, e no papel que cumpre cada etapa da escolarização no atendimento das demandas sociais e de mercado.

Desta forma nos deparamos com o curso de Geografia e Pedagogia no Brasil, como o curso de formação de licenciados em Geografia e de Pedagogia² como professores habilitados para atuar desde a Educação infantil até o ensino médio e superior, como em tantas outras áreas remetidas a

Educação ambiental. Na estruturação nacional desses cursos de licenciatura tão importantes para os caminhos da Educação nacional, fica uma questão em aberto que se relaciona com a natureza desta pesquisa. Na estrutura do documento oficial que regulariza e estabelece as diretrizes desses cursos de graduação, contém espaço, oficialmente garantido entre seus escritos para os conteúdos e problemáticas ambientais, dentre as tantas outras que são fundamentais para a educação?

Ainda mais adiante nesta questão da Educação Ambiental presente na formação de professores, se entende que ela é um fenômeno recente nesta formação inicial. Onde se encontra na disciplina de Educação Ambiental a principal forma de garantir uma abordagem sobre essa temática, assim notamos um esforço por meio de professores e alunos para alcançar a legitimidade destes conteúdos (CUNHA; TAVARES JÚNIOR, 2010).

Assim os autores Cunha e Tavares Júnior (2010, p.61) destacam algumas possibilidades da disciplina de Educação Ambiental ser articulada na formação inicial de professores:

- Trata-se de um espaço-tempo privilegiado para o questionamento e movimento das concepções pessoais sobre meio ambiente e EA, com vistas à reflexão sobre a racionalidade instrumental/ambiental.
- O oferecimento da disciplina para alunos de diversos cursos pode contribuir para a constituição de uma equipe de trabalho interdisciplinar.
- As atividades práticas em EA, como o mapeamento ambiental, podem transcender o reducionismo clássico das disciplinas acadêmicas, integrando outros conhecimentos,

² Isso verificado na Faculdade Norte Paranaense – Uninorte, Londrina (PR) – no decorrer do desenvolvimento da disciplina de Educação Ambiental.

valores e atitudes advindos do contato com os saberes populares.

Os autores são a favor de espalhar a temática ambiental em diversos cursos dentro de uma instituição de ensino, não ficar específicos para a formação de professores, assim proporcionando a todos de forma interdisciplinar o conhecimento dessas problemáticas e formas de trabalho em grupo para levar a diante seus saberes.

Os autores Cunha e Tavares Júnior (2010, p. 61-62) também pontuam diversos desafios da disciplina de Educação Ambiental na formação inicial de professores:

- Os aspectos teóricos e práticos da EA reivindicam um tempo maior para sua abordagem do que aquele comumente destinado às disciplinas acadêmicas.
- O engajamento pessoal do docente responsável é um elemento fundamental para o desenvolvimento da disciplina.
- A presença de mais de um professor na disciplina pode contribuir para uma abordagem mais ampla da temática ambiental.
- O envolvimento precoce dos alunos com a iniciação científica pode ser um aspecto que pode diminuir o interesse dos alunos pela temática.

Cunha e Tavares Júnior defendem um tempo maior para as práticas de Educação Ambiental, além de esforço e uma atuação responsável por parte dos professores. Ele também deixa claro que o trabalho ser realizado por mais de um professor, só tem a acrescentar no envolvimento dos participantes.

Conforme as descrições relacionadas, a inserção de uma disciplina de Educação Ambiental na formação inicial de professores garante a abordagem do

tema, embora sua real legitimidade seja baseada no esforço do grupo que a ela tem acesso, e dos fatores que os influenciam. Mas, que ao seu tempo são merecedores de novas abordagens e um olhar sensível aos tópicos gerados nessa disciplina (CUNHA; TAVARES JÚNIOR, 2010).

De acordo com Loureiro (2010, p. 119-120):

É preciso criar tensionamentos internos aos processos educativos ambientais, levando educadores e educandos à constante problematização e reflexão, por meio da contextualização e historicização dos temas escolhidos. Normalmente, os temas ambientais são tratados pela órbita das responsabilidades pessoais e do apelo moral. Não se abordam as condicionantes econômicas e culturais da questão selecionada e, portanto, não se problematiza a realidade, tampouco se permite uma mobilização coletiva que interfira em espaços e políticas públicas que podem reverter os processos destrutivos. Isso não significa dizer que o tratamento de qualquer questão ambiental deva ser estritamente pelo olhar político e coletivo, mas sim que este é indispensável para nossas opções individuais.

E fica claro que os conteúdos relacionados às temáticas ambientais, tratados na formação inicial de professores são de extrema importância para que esse profissional saiba atuar frente a esses objetivos e conteúdos em sua vida profissional. Mas que devem também ser tratados com um olhar problematizador pelos futuros professores, e não somente a fim do cumprimento de disciplina de seu curso, como enriquecimento profissional e pessoal.

3.1 As temáticas ambientais na formação e os desafios dos professores

No campo da educação ambiental está mais do que reconhecida a importância e a necessidade vital que o sistema de ensino escolar pode proporcionar para difundir e aprofundar perspectivas e políticas ambientais. Especialmente por ser esse um espaço amplo e rico em diferenças onde se pode tratar de aspectos relevantes para refinar as representações sociais, e a visão de mundo e de meio ambiente que tem acesso cada participante desse processo educacional (RUSCHEINSKY, 2002).

Segundo Tristão (2002, p. 170):

Refletir sobre os desafios de ser educador/a, de modo geral, está diretamente associado à inserção da educação ambiental na educação. Além, de ser um compromisso ético político do/a educador/a é uma proposta educativa que se contrapõe a qualquer forma de reducionismo.

Esta autora entende que a Educação Ambiental é um dos muitos desafios que o professor encontra em seu trabalho no meio educacional. Também lembra que esta prática deve ser mais que um compromisso profissional, deve ser um compromisso ético com a educação, e com a realidade em que estamos inseridos.

Embora hoje em dia seja muito radical para muitos professores, partirem para uma prática de transformação, tendo em vista a realidade das escolas e a postura destes profissionais, que tem sido desde sempre formal e ultrapassada para as necessidades urgentes de nosso sistema de ensino (GIESTA, 2002).

Dessa forma Giesta (2002, p. 165-166), faz um apontamento sobre as práticas cotidianas de muitos professores:

A prática docente no cotidiano escolar tem se caracterizado pela

transmissão de informações, pressionada pelo conteúdo programático a ser desenvolvido durante o ano letivo. Questionar o meio escolar, natural e social, assim como os procedimentos pedagógicos vigentes e se dispor a apresentar sugestões para a construção coletiva de propostas pedagógicas são difíceis de realizar na escola, pois, predominantemente, a cultura e o conceito mais difundido nessa instituição, é de que os professores “sabem” e devem transmitir “seus conhecimentos” aos estudantes, que, por sua vez, devem “receber-los” e demonstrar que os guardaram na memória, para saírem bem nas avaliações feitas periodicamente.

A autora afirma que atualmente falta nas escolas diversos questionamentos por parte dos professores, como em relação aos processos pedagógicos, metodologias de ensino, propostas e outras tão importantes. E que a pressão em dar conta de tantos conteúdos durante o ano letivo leva os professores a esquecerem deste papel fundamental na construção do ensino.

Mas quando falamos em tratamento das temáticas ambientais na escola, sabemos que o que realmente fará a diferença é uma postura não tradicional por parte dos professores, o enfrentamento a estes desafios, e uma visão atual das razões as quais nos levam a tratar esse tema. “Necessitamos, pois, de educadores/as capazes de discutir globalmente as questões e buscar de modo dialógico e contextual soluções locais” (TRISTÃO, 2002, p. 170).

Dessa forma procuramos encontrar no professor um agente de mudança e de rompimento com certos paradigmas instaurados em nossas concepções de relação entre a educação e o seu contexto ambiental, professores que desafiem o olhar tradicional nas escolas

e se proponham a junto de outros, realizar novas práticas, inovar o tratamento destas questões.

Duvoisin (2002, p. 98) faz um apontamento sobre a situação de nossos professores:

Os professores de hoje são fruto de uma educação excessivamente formal, centrada na memorização e na transmissão de conhecimento, desenvolvida em relação unilateral de ensinar-aprender, pela qual foram reduzidos a alunos-objeto, adestrados e domesticados [...].

O autor relembra que os atuais professores, muitas vezes reproduzem as práticas de sala de aula pela qual eles passaram quando alunos, sem pensar que a educação necessita de mudanças. Os alunos mudaram, as necessidades atuais são outras e a escola ainda se encontra parada no tempo em relação a muitas práticas e procedimentos de ensino.

Como fatos que ocorrem em muitas salas de aula; a temática ambiental é reduzida a visitas anuais a parques ou reservas naturais, falas extremamente minimizadas sobre a situação da água no mundo, queimadas, desmatamento, uso de agrotóxicos, dentre outros que são lembrados facilmente. Ou ainda como o acontecimento mais comum, a relação do homem com a natureza só é lembrada em datas comemorativas como dia da água, da árvore e do meio ambiente; levando a Educação ambiental a um aspecto de superficialidade (EVARISTO, 2010).

Para Ruscheinsky e Costa (2002, p. 85):

A Educação Ambiental certamente será possível se desenvolvida por uma equipe que discuta e reinvente permanentemente o processo educativo, para que os objetivos buscados sejam construídos.

Com este pensamento podemos entender que professor e alunos não são os únicos envolvidos neste processo, mas que ele deve ser articulado com toda a equipe pedagógica da escola e seus funcionários, além do envolvimento das famílias e da comunidade em torno deste espaço.

E levando em conta os desafios que partem do professor para com sua própria atuação no âmbito das relações ambientais e do currículo escolar, um conteúdo que se mostra essencial para iniciar o exercício das ações ambientais dentro dos espaços educativos é certamente a leitura de mundo.

De acordo com Ruscheinsky e Costa (2002, p. 82):

A educação ambiental que queira problematizar as condições de existência necessariamente penetrará no terreno das representações sociais. Na leitura do real os indivíduos consolidam representações que se ancoram no contexto em que vivem e podem possuir a performance da autonomia [...]

Os autores fazem uma relação da Educação Ambiental com a leitura que cada um faz do seu espaço e da realidade deste espaço, e a partir daí ganhar autonomia para entender de forma mais clara e crítica como se estabelecem estas relações entre os indivíduos e o seu espaço.

Aqui abre-se uma brecha para percebermos também o quanto a EA é aberta e permeável ao tratamento de importantes conteúdos culturais, propiciando ampliar a dimensão da diversidade socioambiental tornando necessário abordar a 'natureza' também de uma perspectiva histórica e cultural, entendendo que cada grupo elabora suas próprias concepções e constrói suas paisagens culturais contribuindo para

diferentes possibilidades de alcance e compreensão da temática ambiental na escola, em seu potencial interdisciplinar.

Observar diretamente o meio ambiente de seus alunos; o espaço da comunidade ao redor da escola, entrar em contato com os diferentes grupos sociais que o compõem, observar como as relações sociais acontecem, e como se explora o meio ambiente, coletar informações sobre as relações que os indivíduos mantêm com o meio ambiente em que vivem, enfim, compreender como as diferentes sociedades e culturas lidam com ele em seu cotidiano (GIESTA, 2002).

Estas são algumas das ações principais que um professor deve tomar nota quando inicia sua busca para descobrir por quais caminhos direcionar-se, onde deve ser o início de sua ação conjunta aos conteúdos do currículo escolar e a Educação Ambiental em uma escola. Ele deve partir da leitura de mundo daquele espaço, compreender as ações que aquele grupo exerce sobre o seu meio ambiente, assim poderá contextualizar seus conteúdos de forma a agir e provocar mudanças em sua realidade, proporcionando a seus alunos um contato direto com o espaço mais próximo deles e dos que estão por perto (PENTEADO, 2007).

E este trabalho articulado com as questões ambientais não pode ser fragmentado, descontextualizado ou artificial. Deve ser repleto de atitudes abertas que busquem o esclarecimento das dúvidas e iniciem novas e positivas práticas para a área. Atualmente, são muitas as escolas que incorporaram espaços de cultivo de alimentos, outras, de coleta seletiva e reciclagem de materiais, enfim, são inúmeras as possibilidades concretas de experimentação, como a fabricação de bio-inseticidas, produtos de limpeza

biodegradáveis, mutirões, e tantas outras pequenas práticas que permitem sair dos modelos da repetição e vivenciar experiências novas, essas sim transformadoras dos cenários de degradação recorrentemente vistos.

Giesta (2002, p. 166) aponta uma série de atitudes que devem fazer parte do cotidiano dos professores envolvidos com as questões ambientais:

[...] a confrontação de pontos de vistas, a elaboração e análise de propostas, assim como a avaliação constante de fatos observados no cotidiano, baseados em pressupostos teóricos que o abastecem de argumentos para emitir juízos e sugestões... Enfim, procedimentos que orientem os estudantes a se tornarem capazes de, com autonomia, assumir atitudes e desenvolver ações de cidadania.

Estas atitudes descritas devem ser tomadas para que os professores tenham capacidade de orientar seus alunos nestes processos de maneira a ajudá-los a encontrar um caminho para assumirem sua autonomia. E até mesmo a fim de não esquecerem os objetivos esperados e não deixarem de avaliar o andamento de todo o processo ambiental destes alunos e dele mesmo como profissional.

Requer, portanto, professores que tenham interesse pela aquisição de novos conhecimentos, incluindo aspectos da legislação, históricos de mobilização, participação e controle social, estudos de casos, etc. e que desejem dividi-los com seus alunos. Também devem estar dispostos a utilizar metodologias diferenciadas de ensino para tal ensino, que promovam a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, valorização das questões locais e do meio ambiente imediato, da realidade presente destes alunos,

articulados a propostas e ações que tragam mudanças para este meio ambiente e grupo social (GIESTA, 2002).

Quando os alunos tem o contato direto e claro com novos conhecimentos da área ambiental, seja como os primeiros passos em aprender que se deve separar o lixo de forma correta, ou elaborar junto com outros alunos e professores um projeto de recuperação de uma pequena área de seu bairro; ele leva seus conhecimentos para sua família, amigos e a comunidade que ele está inserido. Isso gera novos interesses, novos parceiros ao processo, pessoas que se interessem e passam a se preocupar com a realidade em que estão vivendo.

Ainda como apontam Ruscheinsky e Costa (2002, p. 85):

Para tanto, a educação ambiental deverá ser praticada coletivamente e deverá se dar na intersubjetividade e na intercomunicação dos sujeitos que estão desvelando a realidade e construindo a compreensão dos elementos que compõem o seu mundo.

Assim notamos que os autores defendem a prática da Educação Ambiental coletiva, por meio de um grupo ativo onde os envolvidos busquem meios para compreender as problemáticas ambientais, e relacionar com a realidade e com os meios que fazem parte desta realidade.

E dessa forma é que acontece a verdadeira Educação Ambiental, partindo de um grupo da comunidade (escola: professores e alunos), envolvendo outros e retornando a esta comunidade em forma de harmonia entre indivíduos e natureza (RUSCHEINSKY; COSTA, 2002, p. 82).

A Educação Ambiental deve percorrer caminhos de questionamentos, da visão crítica de realidade, das diversas opiniões e se estabelecer como uma maneira para inovar algo que compreenda pelo bem comum de um local, uma região, um bairro, ou até mesmo uma rua. Os envolvidos devem se responsabilizar e tratar os problemas do ambiente deles como um bem de todos e que deve ser melhorado, cuidado, este são pequenos gestos que impulsionam estas práticas. E não estar restrito a área da educação, qualquer um pode informar-se por meio de pesquisas e formar um grupo de cuidados em sua região, a Educação Ambiental é um direito de todos e um conhecimento que deve ser coletivamente compartilhado.

Nesse sentido, conforme vimos pelos autores aqui mencionados, para além de abordagens que enfatizam apenas o engajamento moral e pessoal, é fundamental que a perspectiva cultural e econômica seja bem contextualizada política e historicamente no contexto do ensino-aprendizagem da EA, garantindo uma leitura de mundo crítica e uma intervenção qualificada em espaços que garantam transformações concretas em atenção as expectativas coletivas e de zelo com o bem comum.

À guisa de conclusões

São várias as considerações que podemos pontuar para este ensaio, a partir dos estudos e dos autores abordados. Começando pelo percurso histórico da Educação Ambiental, que foi marcado por diversas conferências, tratados mundiais, além de publicações, leis e decretos que viabilizaram todos os marcos legais para a Educação Ambiental. No Brasil, a luta dos ambientalistas foi pressionada por obstáculos legais que deixavam as propostas ambientais de lado, tendo sido suas mobilizações fundamentais para

implantação das leis e departamentos ambientais atuais de nosso país.

No campo educacional a trajetória da questão ambiental também trouxe várias garantias para o ensino da Educação Ambiental, como a abordagem ambiental feita através dos PCNs, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, bem como a obrigatoriedade, estabelecida por lei, da Educação Ambiental em todos os níveis da educação, por meio da interdisciplinaridade.

Podemos destacar também a importância da Educação Ambiental na formação de professores, que refletimos nos cursos de Geografia e Pedagogia. Para o professor sentir-se preparado a trabalhar com as questões ambientais desde a educação infantil, ele deve ter em sua formação inicial ou continuada, a presença destes conteúdos, de forma a estimular a leitura de sua própria realidade e a de seus alunos, com o intuito de atuar frente aos desafios atuais de sua profissão.

E entre os desafios de ser professor e de trabalhar com a Educação Ambiental, compreendemos que o trabalho ambiental deve ser construído de maneira a integrar um grande grupo. O professor sozinho tem dificuldades para realizar os objetivos dessa temática, mas acompanhado da equipe escolar, outros professores; direção; equipe pedagógica e os alunos, o seu trabalho pode envolver e levar mudanças para toda uma comunidade, além de modificar o pensamento crítico e o entendimento dos problemas ambientais a partir do exercício de refletir diferentes realidades culturais e socioambientais. O trabalho interdisciplinar na escola favorece oportunidades grandiosas de ensino e aprendizagem, em meio a um mesmo tema do currículo escolar, diversas áreas se unem para renovar suas metodologias

de ensino e beneficiar os alunos, permitindo o aprendizado pautado em vivências e experiências práticas transformadoras da compreensão e percepção da pluralidade de situações socioambientais presentes na atualidade.

Em relação aos processos em tela discutidos, percebeu-se que durante boa parte da trajetória dos cursos de Licenciatura em Geografia e Pedagogia, as disciplinas que envolvem a Educação ambiental não são muito extensas, e por vezes limitada, mas que percebe-se o engajamento muito forte e o interesse pelo tema, faltando apenas um maior aprofundamento e tempo para melhor desenvolvimento no assunto em questão.

Tal tema e estudo, nos fez chegar a contribuição de que a Educação Ambiental traz cada vez mais, de maneira positiva, para a formação dos professores de Geografia e Pedagogia, por meio dos conhecimentos teóricos apresentados sobre o tema, características das leis que regulamentam todo o ensino e prática da Educação Ambiental em nosso país, além de conhecer as técnicas necessárias para o trabalho do professor envolvendo estes conteúdos. E acreditamos que um trabalho conjunto e interdisciplinar com uma formação efetiva de professores poderá acrescentar muito nos projetos e práticas escolares envolvendo a formação docente e o aprofundamento em relação a Educação Ambiental Escolar.

Referências

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em: 10 mar. 2013.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 13 mar. 2013.

BRASÍLIA. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2013.

BRASÍLIA. Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA**. 3.ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. 102p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

CUNHA, Ana Maria de Oliveira; TAVARES JÚNIOR, Melchior José. A educação Ambiental na formação inicial. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira et al. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 43-66.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9.ed. São Paulo: Gaia, 2004. 551p.

DUVOISIN, Ivane Almeida. A necessidade de uma visão sistêmica para a educação ambiental: conflitos entre o velho e o novo paradigmas. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.91-103.

EVARISTO, Jéssica Andrade. **Um estudo sobre a educação ambiental proposta no PCN**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. 45p. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JESSICA%20ANDRADE%20EVARISTO.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2013.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais de educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 294p.

GIESTA, Nágila Caporlândia. Histórias em quadrinhos: recursos da educação ambiental formal e informal. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.157-167.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. A relação teoria-prática na formação de professores em educação ambiental. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira et al. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.106-123.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64p.

NOVICKI, Victor de Araújo. Educação ambiental: desafios à formação/trabalho docente. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira et al. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 21-42.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio ambiente e formação de professores**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 120p. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 38)

RUSCHEINSKY, Aloísio. As rimas da ecopedagogia: uma perspectiva ambientalista. In: _____. **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.61-71.

RUSCHEINSKY, Aloísio; COSTA, Adriane Lobo. A educação ambiental a partir de Paulo Freire. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.73-89.

TRISTÃO, Martha. As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.169-183.

*Recebido em 2019-10-25
Publicado em 2020-02-28*